



**QUINTA-FEIRA SANTA
(08/04/04)**

1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 12.1-14a

Este texto se encontra no centro da narrativa da libertação do Egito (Êx 1-15) e faz parte de uma grande liturgia que começa com as pragas (Ex 7 – 11) e culmina triunfalmente com os cânticos de vitória (Êx 15). A origem vivencial de Êxodo 1-15 é no Egito aproximadamente em 1200 a.C. No entanto, a transformação da vivência de opressão e libertação em narrativa e, especialmente, em liturgia, se deu mais tarde, quando as tribos se organizavam para ocupar e conquistar novas terras que eram dominadas pelas monarquias cananéias subordinadas ao Egito.

O ritual da Páscoa (que significa “passagem”) reúne dois grandes grupos que até esse momento estavam divididos e, às vezes, inimizados. De um lado, estavam as famílias que viviam da agricultura (mas próximas às cidade e mais exploradas pela tributação monárquica). Do outro lado, estavam as famílias de pastores seminômades que circulavam pelas margens das terras cultiváveis e que eventualmente ingressavam nas cidades geralmente com péssimas conseqüências (Gn 12:10-20; 19:1-29 entre outros). A experiência de caminhar com Deus, conforme é apresentada nos relatos bíblicos, nasce mais dentro da experiência das famílias de pastores, isto é, as mais periféricas e excluídas (Gn 12-50). A inimizade entre agricultores e pastores tem em Caim e Abel seu relato simbólico (Gn 4). Abel (cujo nome significa “sopro”) é o pastor de ovelhas (mais fraco, porém mais próximo de Deus). Caim (cujo nome significa “ferro”) é o agricultor (mais forte) que assassina seu irmão e de cuja descendência nascem as cidades (que, na época, eram sedes da monarquia).

No entanto, entre os anos de 1200 e 1000 a.C. o império egípcio decaiu no seu poder sobre Canaã (Palestina). Isso levou a uma aproximação de agricultores e pastores que tiveram, na narrativa da vitória dos escravos do Egito, liderados por Moisés, Miriam e Aarão, a revelação do Deus Libertador como fonte de inspiração para propor uma aliança tribal anti-monárquica onde o SENHOR seria o único e verdadeiro rei.

A liturgia da Páscoa celebra esta nova Aliança, através do memorial da libertação (v. 12-14). As famílias de pastores no primeiro mês do ano (conforme o calendário cananeu pré-exílico; v.2) festejavam o nascimento de novos crias que se fortaleceriam durante a época das chuvas para suportar a seca. Na mesma época as famílias de agricultores celebravam a festa dos pães



sem levedura (que é o primeiro pão, não fermentado, feito com a primeira farinha da primeira colheita do trigo). Ambas festas, que de eram festas da Vida, são unificadas numa única festa "memorial" ou de "anamnesis" que significa não apenas a "lembrança" mas reviver e continuar os atos libertadores de Deus.

Será que a Santa Eucaristia instituída por Jesus é celebrada apenas como lembrança ou como a forma de reviver a opção perpétua de Deus pela Vida e pela Libertação? (HMG)

Epístola – 1 Coríntios 11.23-26 (27-32)

Uma das coisas que mais me agradavam em trabalhar nas igrejas do interior do nordeste era observar e ser alvo da hospitalidade dos irmãos. É realmente gratificante ver como aquelas pessoas, humanamente pobres e necessitadas, abriam sua casa e seus corações para receber os ministros de Deus. Com sua mesa sempre cheia de comida regional, não podíamos sair dali sem comer bastante e, em muitos casos, repetir o prato. As limitações financeiras daquele povo sofrido do nordeste não servem como desculpa para não receber bem um visitante em casa.

No texto da Epístola de hoje, estamos diante de um daqueles textos fundantes de nossa liturgia e da reflexão teológica acerca da Eucaristia. Mas eu gostaria de fazer uma outra abordagem deste texto. Eu gostaria de vê-lo como, para usar uma expressão que só seria criada muito mais tarde, um "sinal visível", de uma graça invisível. A mesa da Santa Comunhão é um sinal de uma realidade de extrema beleza, mas que não mais está sendo lembrada por muitas pessoas. Em função disso, gostaria de meditar sobre o seguinte tema: "O Sinal da Santa Comunhão".

A Santa Comunhão, ou Santa Mesa, em primeiro lugar, é sinal de sofrimento e de vergonha. Afirmamos que a Santa Comunhão é sinal de sofrimento e de vergonha porque foi lá que ocorreu a traição (v.23) e porque ela aponta, em figura, para a morte de Cristo, que teve seu corpo partido e seu sangue derramado em nosso lugar. Para Paulo, participar da Santa Comunhão era "anunciar a morte do Senhor". Era falar de um momento de profunda dor, de profunda infâmia, de vergonha e dor. O conhecimento desta realidade deveria promover em nosso coração um sentimento grave de reverência e de respeito para com este gesto de extrema significação para qualquer cristão. Na Santa Mesa, temos a atualização do sacrifício de Cristo por nós. Lá, podemos, mais uma vez, nos aproximar do calvário e contemplar a face ensangüentada de Jesus e o seu olhar misericordioso e cheio de amor.



A Santa Comunhão, ou Santa Mesa, em segundo lugar, é sinal de vida e de regresso. A morte não deu a última palavra. Para Paulo, participar da comunhão era participar da morte, mas era acreditar que isso deveria ser feito "até que ele venha" (v.26) Isto significa que a Santa Mesa não é apenas um lugar de celebração grave e reverente. É também um lugar de alegria e de triunfo. A Santa Mesa é o lugar onde o triunfo de Cristo sobre o pecado e sobre a morte nos convida a celebrar. Porque ele vive, acreditamos que sua presença Eucarística nos enche de vida, de sua vida. Se o pão que comemos é a comunhão do Corpo de Cristo (10:16), e se ele está vivo, ao comungar, nos enchemos de sua vida e partilhamos dela. Lá encontramos um Cristo vivo que nos chama para uma festa!

A Santa Comunhão, ou Santa Mesa, em terceiro lugar, é sinal de unidade e de pertencimento. Somente quem senta à mesa com as famílias na Palestina, ou nos sertões de nosso país, sabe reconhecer o quão íntimo é este momento. Sentar à mesa é uma graça dada apenas aos membros da família ou aos convidados de honra. Por isso, A Santa Comunhão é um sinal magnífico de que fazemos parte de uma mesma família, de um mesmo povo eleito, de uma mesma nação santa, de um grupo que se fortalece na cerimônia de celebração de seu pertencimento. Na Santa Ceia, damos graças (eucaristia) pelo sustento de Deus e pela comunhão com os irmãos. A Santa Ceia é um sinal de que, porque fazemos parte da mesma família, estou disposto a partilhar o pão de cada dia, com meu irmão. Por isso, diz Paulo, "examine-se e coma", e não "examine-se e não coma". Lá há espaço para aqueles que a sociedade não reconhece como pessoas dignas e justas. A Santa Mesa é o lugar em que os pecadores se sentam para celebrar a fraternidade e a partilha, a comunhão e a distribuição da vida. A Santa Mesa é o lugar do reencontro dos irmãos separados, é o lugar onde o Pai saudoso abraça o filho distante. Enfim, é o lugar da festa.

Paulo, contudo, antes de encerrar, nos diz algo de profunda importância. Quem come sem "discernir o corpo" come e bebe condenação. O que ele queria dizer com isso? Devemos lembrar que a Igreja de Corinto era uma comunidade cheia de facções e divisões. O Corpo de Cristo, que precisa ser "discernido" na comunhão, é a Igreja, é sua unidade. De nada adianta participar da Santa Ceia de estamos fragmentando cada vez mais a Igreja, se a dividimos e promovemos a discórdia. A Mesa é lugar de perdão, de reencontro e de festa, e não de divisão e afastamento. Lamentavelmente muitos ainda não perceberam que na Mesa o Senhor nos recebe a todos, com nossas opiniões pessoais e com nossas crenças particulares. Mas o Senhor nos recebe. Não percamos a perspectiva de que, um dia, estaremos juntos a Ele no seu Reino, celebramos de uma só Ceia. (JLFA)



Santo Evangelho – Lucas 22.14-30

Instituição do memorial eucarístico Os sinóticos colocam o relato da Santa Ceia no início da Paixão para que, através desta celebração profética com “pão e vinho” se entenda “aquela que virá” com o sacrifício do verdadeiro *Agnus Dei* (Cordeiro de Deus).

No relato do Quarto Evangelho seu autor pressupõe a Ceia (Jo 13,2), razão pela qual omite sua narração. É bem verdade que cada evangelista (inclusive os apócrifos) tinha sua visão particular e material próprio que adequava conforme a intenção de seu Evangelho. Porém São Lucas remodelou suas fontes de modo bastante pessoal sem perder a centralidade na figura do Filho do Homem cuja missão era “buscar e salvar os perdidos”.

Em se tratando de aproximar as narrativas da Santa Ceia para fins didático-comparativos e exegético-pedagógicos podemos reunir, por um lado, os textos de Marcos e Mateus e, por outro, os de Lucas e Paulo (I Co 11). Apesar da “fórmula eucarística” (palavras e gestos) ser bem semelhante entre estes dois, é muito provável que Lucas a tenha recebido e conhecido conforme o uso já adotado nas comunidades paulinas e não através de um texto pré-elaborado. Paulo, que escreve a primeira carta aos Coríntios durante sua estada em Éfeso (56 aD), diz “recebi do Senhor aquilo que transmiti a vocês...” (I Co 11,23ss). Isso quer dizer que foi antes do surgimento dos Evangelhos, mas um relato igualmente tardio levando-se em consideração o período das “tradições orais”.

A “instituição da eucaristia” (como rito fundamental do cristianismo) acontece no contexto da festa judaica da Páscoa (que relembra a fuga do Egito e a **passagem** pelo mar vermelho, Êx 12), mas deixa bem claro que, apesar de suas semelhanças com outras celebrações hebraicas ou não, este memorial torna-se um “mandamento de Jesus” que institui uma **nova páscoa** para celebrar, de hora em diante, Sua morte sacrificial e Sua ressurreição redentora sempre renovada e atualizada pela santificação do Espírito Santo.

Portanto, a “fórmula eucarística” da Última Ceia é apresentada de várias maneiras a partir de diversas linguagens, diferentes contextos e múltiplos objetivos fazendo com que cada interpretação (pessoal e/ou comunitária) da “vida, paixão, morte e ressurreição e ascensão” (LOC pág. 63) de Jesus represente “uma teologia”. Exatamente por isso é que nenhum rito, linguagem ou encenação litúrgica consegue resumir e exprimir, através de uma só imagem, a plenitude do mistério pascal.

O retorno de satanás (Lc 22,3ss): no quadro sinótico, este acontecimento está no contexto do que se costuma chamar “prelúdio da paixão”. Ou seja, não é um fato isolado e, juntamente com outras “forças



malignas”, prepara o ambiente para a condenação e a traição de Jesus. Essas forças são:

- o complô no Sinédrio: tribunal superior judaico (Mt 26,57ss), sediado em Jerusalém, que governava e decidia os processos político-religiosos judaicos em última instância. Era composto por 71 membros representantes da aristocracia leiga (Lc 23,50) e das grandes famílias sacerdotais entre os quais se elegia o Sumo Sacerdote, que passava a presidi-lo. No tempo de Jesus o Sumo Sacerdote era Caifás; e,

- o acordo para a traição: os interessados na morte de Jesus (governantes políticos e autoridades religiosas), chegaram à conclusão de que Ele era uma séria ameaça ao seu *status quo* e, através de Judas Iscariotes (um dos Doze), fizeram um pacto para matá-lo.

São Lucas é o único a destacar a ação determinante do maligno ao colocar na boca de Jesus a expressão “poder das trevas” (22,53) para contextualizar o “retorno do diabo” já anteriormente anunciado e que se daria no “momento oportuno” (4,13). Entretanto, esta narrativa não deve ser entendida como uma “possessão demoníaca” (com transtorno de personalidade ou transmutação orgânica), mas no sentido teológico-moral, dado que Judas manteve-se consciente e fiel ao acordo, porém, arrependido do que fez, se enforcou! (Mt 27,3ss). (RH)

Apêndice litúrgico

O lava-pés (Jo 13,1-17): como o texto joanino pressupõe a realização da Santa Ceia, torna-se oportuno incluir este gesto simbólico (de humildade) e litúrgico (de serviço) no contexto da festa da Instituição da Eucaristia. Por mais belas palavras ou necessária interpretação exegética que se possa fazer a partir deste relato, nada substitui a prática deste ato. Dada sua riqueza bíblico-teológica, esta encenação exigirá preparação da liturgia, distribuição de tarefas, escolha de hinos e organização do culto de modo que é mais um bom motivo para colocar a Equipe de Liturgia em funcionamento. (RH)